

Estudo mostra riscos menores no Brasil

■ Consultoria vê boas chances para economia em 94

Com um plano que ataque as causas estruturais da inflação e seja capaz de reduzi-la a um patamar de 10% em outubro de 1994, o Brasil se tornará o mais atrativo e o menos arriscado dos países de economia emergente. A previsão é do economista Sérgio Abranches, responsável pela análise *Risco Brasil*, da empresa de consultoria Boucinhas e Campos, cuja edição de setembro foi divulgada ontem.

De acordo com o estudo, a taxa de risco do Brasil no mês passado caiu em comparação com a média do segundo trimestre, apesar de ainda estar numa faixa moderadamente alta. O *Risco Brasil* é calculado a partir da análise de variáveis políticas, econômicas e sociais. Confrontadas, estas variáveis traçam um



Abranches: inflação é entrave

quadro da conjuntura brasileira e indicam, numa escala de 100 pontos, a taxa de risco de uma alteração profunda ou de uma ruptura, que possam levar a uma mudança nos cálculos dos agentes econômicos.

Em setembro, o risco do Brasil — que oscilou entre 68 e 69 no segundo trimestre — caiu para um índice de 67 pontos, ainda próximo do ponto crítico de 70

pontos, quando a insegurança dos agentes econômicos se torna muito profunda. Noventa pontos indicam o ponto de ruptura, quando a tensão social se torna insuportável.

Inflação — Segundo Abranches, o que determina a taxa ainda alta do Brasil é quase exclusivamente a inflação desenfreada, que acaba contaminando todos os outros indicadores. Outros fatores importantes como produtividade industrial, crescimento populacional e consolidação democrática caminham bem e tornariam o país estável e atrativo imediatamente após a queda da inflação. “O plano de estabilização do governo deve ser abrangente e vir logo. Eu diria que há 45% de chances de ele ser implantado em novembro e 55% de acontecer em janeiro”, afirma ele, que aposta na âncora cambial — “uma forma de prefixação” — e na desindexação como componentes do plano.

América Latina — Abranches lembra que o Brasil foi considerado o principal responsável pela queda do crescimento e pela alta da inflação na América Latina no ano passado. Este ano, apesar de ainda ser o maior *pushador* da inflação, o Brasil está apresentando o maior crescimento do continente. Para Abranches, a diferença é elas estarem sendo feitas ao mesmo tempo. “Nossa indústria está se modernizando e aumentando sua produtividade ao mesmo tempo em que consolidamos a democracia e reestruturamos o Estado.”

O imenso número de denúncias de corrupção no Congresso também não preocupa Abranches. Para ele, isso é um processo altamente positivo na relação entre a sociedade e seus representantes, que se tornou ainda mais eficiente depois do *impeachment* de Collor.